

JOÃO NUNES  
*Parque do Tejo*

PROAP / HARGREAVES ASSOCIATES

Edição realizada com o patrocínio da



FUNDAÇÃO  
BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS

## *Uma homenagem ao Tejo*

ROLANDO BORGES MARTINS

Uma das características fundamentais do plano urbano pensado para toda a zona nascida da Expo'98 foi o papel atribuído ao espaço não edificado. De uma forma coerente e arrojada, foi atribuída importância decisiva ao tratamento do espaço público, considerado em pé de igualdade com algumas das mais impressionantes criações arquitectónicas que alguma vez o país tivera ocasião de acolher.

Essa opção resultou de motivações práticas e de princípio. Por um lado, resultando a nova área urbana de um grande evento destinado a grandes massas de público, foi tida em conta a necessidade de uma nova atenção aos visitantes tanto nos períodos em que eles percorriam conteúdos expositivos no interior de edifícios como em todos os locais onde eles permaneciam apenas para descansar ou contemplar a paisagem ou simplesmente nos percursos que eles faziam no acesso aos núcleos com maior

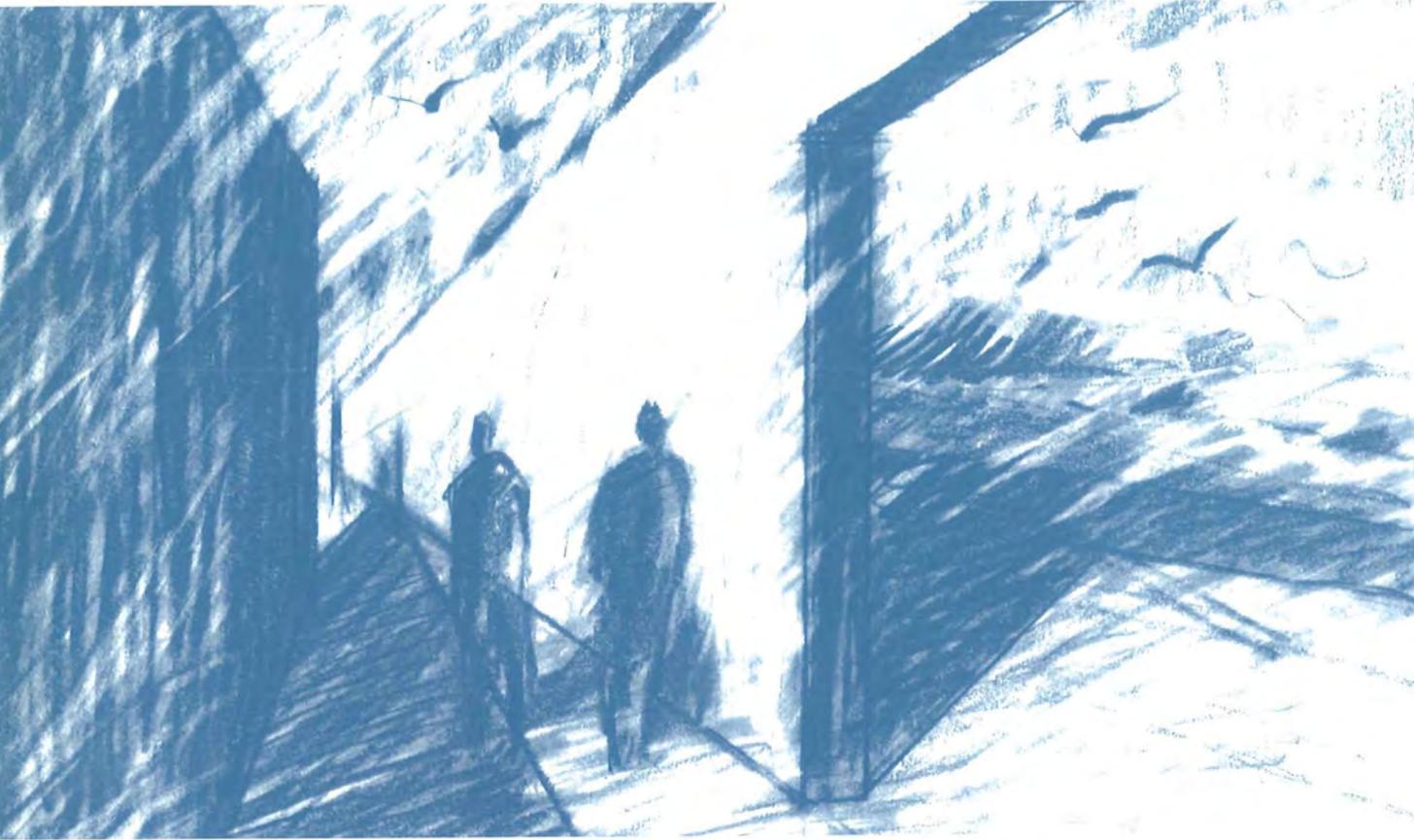
poder de atracção. Por outro, tal aposta no espaço exterior resultou do próprio modelo urbano adoptado para uma área de 330 hectares, desenhada não só para uma utilização efémera de quatro meses e meio mas antes tendo em conta a aposta num funcionamento de cidade em que a importância dos espaços exteriores fosse um bem sentido e vivido por todos quantos usufruissem da habitação, dos escritórios, do comércio e dos equipamentos culturais e lúdicos construídos.

Essa orientação veio a determinar que da área total urbanizada, cerca de um terço viesse a ser ocupada por zonas verdes, numa proporção invulgar em operações deste tipo. Ela exprime, todavia, o papel atribuído à natureza em território urbano e completa o novo relacionamento com o rio Tejo permitido por toda a reabilitação ambiental desta parcela da zona oriental de Lisboa. Peça absolutamente essencial destes espaços verdes é o Parque do Tejo, situado na metade norte do Parque das Nações e que assume um carácter simbólico em toda a operação de reabilitação urbana já que ele nasce numa área antes ocupada por uma lixeira, terrenos baldios e por velhas instalações de sucata e ferro-velho.

Com a sua capacidade de recepção de resíduos praticamente esgotada, o Aterro Sanitário de Beiroas constituía um verdadeiro problema ambiental, o qual foi decididamente enfrentado pela Parque Expo'98 SA com a dinamização do processo de construção da incineradora da Valorsul, a par da selagem do velho depósito de lixos situado na margem do rio.

Com essa medida foi possível lançar um concurso para a concepção de um parque envolvendo o espaço do aterro e uma vasta área anexa. Desenvolvido em várias fases, o Parque do Tejo representa hoje para a Área Metropolitana de Lisboa um exemplo de estrutura verde de nova geração – um espaço natural, de amplo contacto com a natureza, mas possuindo equipamentos capazes de atrair a sua maior ocupação e visita, em reforço da segurança. Deste modo se presta também uma verdadeira homenagem ao rio Tejo onde a sua margem é tocada pelo Trancão e de onde ela avista, ao longe, a lezíria ribatejana.





### *A questão da autoria*

“Creio que relativamente a espaços públicos e parques deste género não faz muito sentido invocar uma autoria. Esta situação é pouco comum porque este projecto nasce de um concurso limitado, por convites, que é ganho pela empresa norte-americana Hargreaves Associates, em parceria connosco (PROAP). Esse concurso é para o master plan do Parque que, e de acordo com os próprios termos do concurso, pretende dar uma imagem que corresponda a um determinado programa que estava na cabeça dos promotores. Nessa fase, que termina em 1994, há um claro protagonismo dos parceiros americanos. E termina com um documento que não tem nada a ver com um plano de pormenor, é apenas um conjunto de imagens, simulações mais ou menos fantasiosas da imagem do Parque, que pretendem vincular uma topografia modelada, um sistema de percursos e uma estratégia de desenvolvimento e implementação do Parque, estratégia essa relacionada precisamente com a libertação sucessiva das áreas e com os faseamentos de construção.”

"Segue-se uma fase de alguma indefinição, em que não se sabe se haverá intenção de desenvolver de facto o Parque ou de questionar o master plan, quando, subitamente, já nos finais de 1995, surge a indicação de que haveria vontade por parte da Administração de nos entregar o desenvolvimento do projecto da primeira fase do Parque. Portanto, o master plan definia fases, *A primeira fase do Parque* essas fases tinham sido mais ou menos questionadas nos seus limites, e aquilo que a Administração da Parque Expo'98 nos pretende entregar é um contrato que se limita ao desenvolvimento da primeira fase do Parque, ou seja, a zona entre a Torre Vasco da Gama e a antiga zona do estaleiro sul da Ponte Vasco da Gama. Essa primeira fase foi desenvolvida pela PROAP, com a assessoria da Hargreaves Associates, que prestou um acompanhamento ao nível conceptual."

"Entretanto, a Parque Expo'98 tinha encomendado à Hidrotécnica um estudo para a retenção da marginal, como obra marítima. Esta empresa tinha nos seus quadros um departamento de arquitectura paisagista e desenvolve esse estudo e projecto de execução incluindo propostas para a zona do Parque. Há pela parte da Parque Expo'98 a imposição da Hidrotécnica no processo e há, pela nossa parte, a imposição da presença da Hargreaves Associates. E então é elaborado um contrato que é assinado por um consórcio entre firmas (a PROAP e a Hidrotécnica), a Hargreaves Associates aparece como consultora da PROAP e o autor formal seria eu. Portanto é esta a figura complexa em que a autoria do projecto aparece."





### *Os factores externos e a vontade dos autores*

“Desde os primeiros momentos em que o Parque começou a ser sonhado, aquilo que nós percebemos é que contribuíram para a realização daquilo que neste momento existe uma quantidade enorme de factores externos à vontade dos autores. Há factores que são tão fortuitos e tão pouco intencionais que, de facto, estar a defender que um projecto com estas características corresponde à imposição de uma vontade pessoal, quase que nos faz rir.”

“Quando nós firmámos contrato para desenvolver o projecto deparámo-nos com uma dificuldade extraordinária que foi, por um lado, constatarmos que o master plan tinha sido, de facto, extremamente fantasioso em relação às realidades físicas do sítio – e em relação a todos os condicionamentos do sítio – e que, por outro lado, a Administração tinha assumido, como imagem pública para aquele sítio, uma quantidade de intenções que estavam claramente expressas nessas tais imagens que acompanhavam o master plan e que as queria ver concretizadas. Essa terá sido, talvez, a primeira gigantesca dificuldade do desenvolvimento do projecto. Felizmente, a linguagem do master plan tinha sido apresentada de uma forma suficientemente vaga, para constituir mais um vocabulário, um conjunto de palavras que deviam ser usadas, do que uma linguagem definida, o que nos permitia responder aos desafios que surgiam em cada dia e que resultavam, pura e simplesmente, de um conhecimento mais aprofundado do sítio. Não pretendo que se minimize a coragem do master plan, enquanto promotor de uma ideia ou de um espírito para o local. Acho que o caminho teve este bom resultado precisamente pelo facto do master plan ser extremamente sonhador: só constituiu uma desvantagem para quem teve depois de desenvolver o projecto mas, em relação à linha a seguir, foi uma vantagem pelo que evitou de diluição de intenções.”

### *Um desafio irrecusável*

“O que tornava este projecto extremamente sedutor era a escala do próprio trabalho. Não só a escala em termos da dimensão do Parque propriamente dito como a escala do território que todo aquele trabalho iria influenciar, ou seja, todo um largo universo de leitura que o projecto poderia transformar. Por outro lado, era estar a intervir numa paisagem que ia ter uma mutação global enorme. Iríamos passar a ter uma leitura medida do Mar da Palha, enquanto até aí tínhamos uma leitura não mensurável, era uma distância com uma percepção difícil de referir. E depois, com a Ponte Vasco da Gama, começamos a ter pilares, referências métricas e perspécticas. A possibilidade de intervir numa paisagem que claramente se iria modificar tanto e de estabelecer um conjunto de relações com toda essa transformação era um aliciante extraordinário, um desafio que qualquer pessoa que se interesse por paisagem não queria perder, mesmo com todos os sacrifícios que implicava em termos de prazos e de exigências contratuais.”



"Havia também a clara consciência que toda a Z.I. da Expo'98 seria um território de experimentação extraordinário e a possibilidade de aprender muitíssimo, de pôr em prática uma série de situações e ensinamentos de experiências semelhantes, em termos de escala – e estou a referir-me ao que tinha acontecido em Barcelona e na Expo de Sevilha, que tinha seguido bastante de perto porque estudei em Barcelona nessa altura e os temas eram justamente os erros e os sucessos dessas realizações, em complexidade de construção e de gestão. Também porque foi algo que, apesar de se nadar numa onda de algum pessimismo e má vontade colectiva, para um grande grupo de pessoas a Expo'98 era um projecto global em que se sentia que as autorias não tinham uma importância tão grande como o alcançar de um determinado objectivo colectivo, de uma determinada realização, e isso em Portugal é muito difícil. Creio que desde os Descobrimentos que não havia um projecto colectivo nacional e sentia-mo-nos levados por um espírito desse tipo."



### *Devolver o rio à cidade*

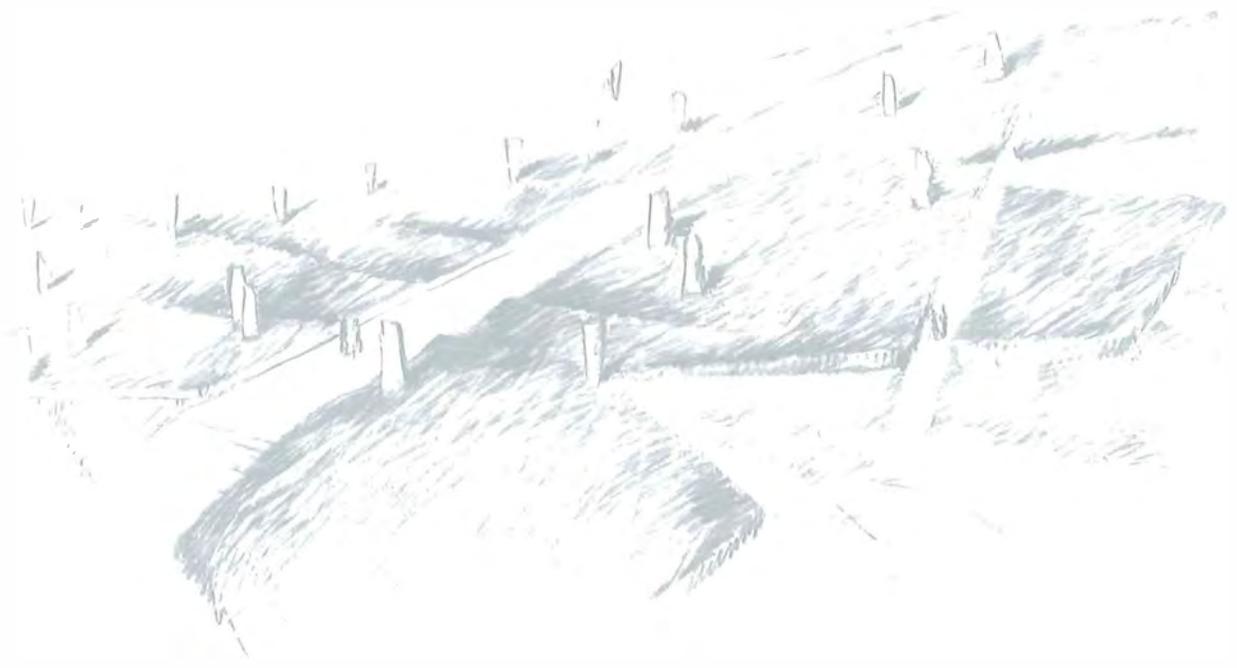
“O projecto era também muito apelativo pelo facto de ser uma tradução prática de algo de que, em Lisboa, já se falava há anos, aquele chavão do ‘devolver o rio à cidade’. Depois era um Parque com uma dimensão que excedia qualquer coisa que já alguma vez se tenha feito em Portugal – mesmo na Europa é uma intervenção muito significativa. Apesar de, em termos promocionais, o Parque do Tejo nunca ter sido explorado e de haver a noção de que esta era uma obra para muitos anos e para uma área que já estava fora do recinto da Exposição, o projecto, felizmente, nunca foi abandonado.”

"A ideia de fazer o Parque por fases foi tomada logo no início do projecto e ainda bem que não se tentou fazer mais a tempo da Expo porque seria feito, com certeza, de forma atabalhoada e numa altura em que os próprios empreiteiros estavam já sobrecarregados com uma série de outras realizações que, essas sim, tinham de estar prontas naquela data. Mesmo assim, para cumprir o compromisso de terminar os primeiros 24 hectares, na zona imediatamente à frente da Vila Expo, acabámos por pagar uma factura bastante pesada, nomeadamente em relação a problemas de drenagem.

#### *Construir o Parque por fases*

Neste momento a Primeira Fase encontra-se construída e consolidada. Em finalização de construção está a Segunda Fase, correspondendo a toda a zona por baixo da Ponte Vasco da Gama, que vai desde o fim da Primeira Fase até à Estação de Tratamento de Águas Residuais e do Aterro. Essa fase encontrou um ritmo de construção e uma disciplina muito mais apurados, mesmo em termos do próprio desenho e da pormenorização construtiva, houve alguma libertação de que resulta uma consciência maior dos volumes e da vibração de sombras, que é muito mais rica nessa zona do que na primeira, a complexidade da topografia encontra também uma consciência mais clara e ao mesmo tempo uma tranquilidade maior. Percebe-se que as coisas são desenhadas com mais maturidade do que na primeira fase. Obviamente, vive também da experimentação encontrada, quer em termos de desenho quer em termos de construção."





“É uma fase [Zona Central] que eu considerava muito, muito difícil, quando se tinham desenvolvido as fases anteriores de anteprojecto e de estudo prévio. Foram fases muito debatidas com o cliente, em muitas situações. Fizemos três estudos prévios para essa zona, cada um deles teve inúmeras alterações, foi uma fase muito, muito complexa. As relações com a Ponte Vasco da Gama eram complicadas, em termos de sombras, em termos de presença dos pilares, em termos de presença da própria ponte, do tabuleiro, do ruído. Por outro lado, a relação topográfica com a própria via periférica do Parque era também complexa porque o Parque teria de constituir a saída de drenagem superficial dessa via e o seu ponto mais baixo era precisamente aí. Havia ainda todo um diálogo com a Câmara Municipal de Lisboa pelos tratamentos relacionados com a periferia e eventual atravessamento da zona da Estação de Tratamento de Águas Residuais e um protocolo que acabou por não se verificar da melhor forma...”

#### *Mudanças de rumo*

“Tudo isso criava ambientes sempre diferentes, situações sempre novas, exigências de rápida mudança de rumo, de rápida resposta do desenho a essas novas situações. Para essa zona, sempre além dos desenvolvimentos em master plan, que eram nessa zona completamente fora da realidade, já numa fase de desenvolvimento projectual as tentativas, os diálogos, as críticas foram muitas, e as respostas a esses diálogos foram sempre muito produtivas, em que se avançava mais um bocadinho, em que se conseguia responder a qualquer coisa que até aí não existia.”

“Com a estrutura que neste momento existe estão duas fases prontas, está em projecto de execução uma terceira fase que corresponde à face Sul e nascente do Aterro, que já fica para lá da Ponte, e fica uma última fase em espera, que corresponde à concretização das zonas onde incide uma maior percentagem de áreas a concessionar, sobretudo a área de estacionamento da zona Norte e o rebordo Norte e Poente da elevação do Aterro. É nessas zonas ainda em projecto que nascerão o Centro Desportivo, que fica no contraforte poente do Aterro, e uma pista de atletismo e campo de futebol. Portanto, onde se concentrarão todos os programas desportivos formais na área do Parque. Isso constitui o assunto base desta fase e, por razões de discussão mais afinada e mais apurada deste programa – e nomeadamente de todo um diálogo estabelecido com a Federação Portuguesa de Atletismo, na tentativa de definição de critérios programáticos –, ficou suspenso em estudo prévio, enquanto toda a outra fase correspondente à encosta Norte, à encosta Sul e Nascente do Aterro desenvolvemos um projecto de execução que se encontra praticamente finalizado.”



“A zona central do Parque, que correspondia ao antigo estaleiro da Ponte Vasco da Gama, teve algumas dificuldades de construção decorrentes da necessidade que as pessoas sentiam de continuar para Norte, onde já existem passadiços, ao longo do rio Tejo, e as pessoas iam a correr, a passear ou de bicicleta e encontravam ali a obra, que era uma barreira, com movimento de máquinas pesadas. E houve sempre essa dificuldade porque as pessoas insistiam em atravessar. Ou seja, ainda antes de estar concluída, aquela zona já tinha uma procura enorme.”

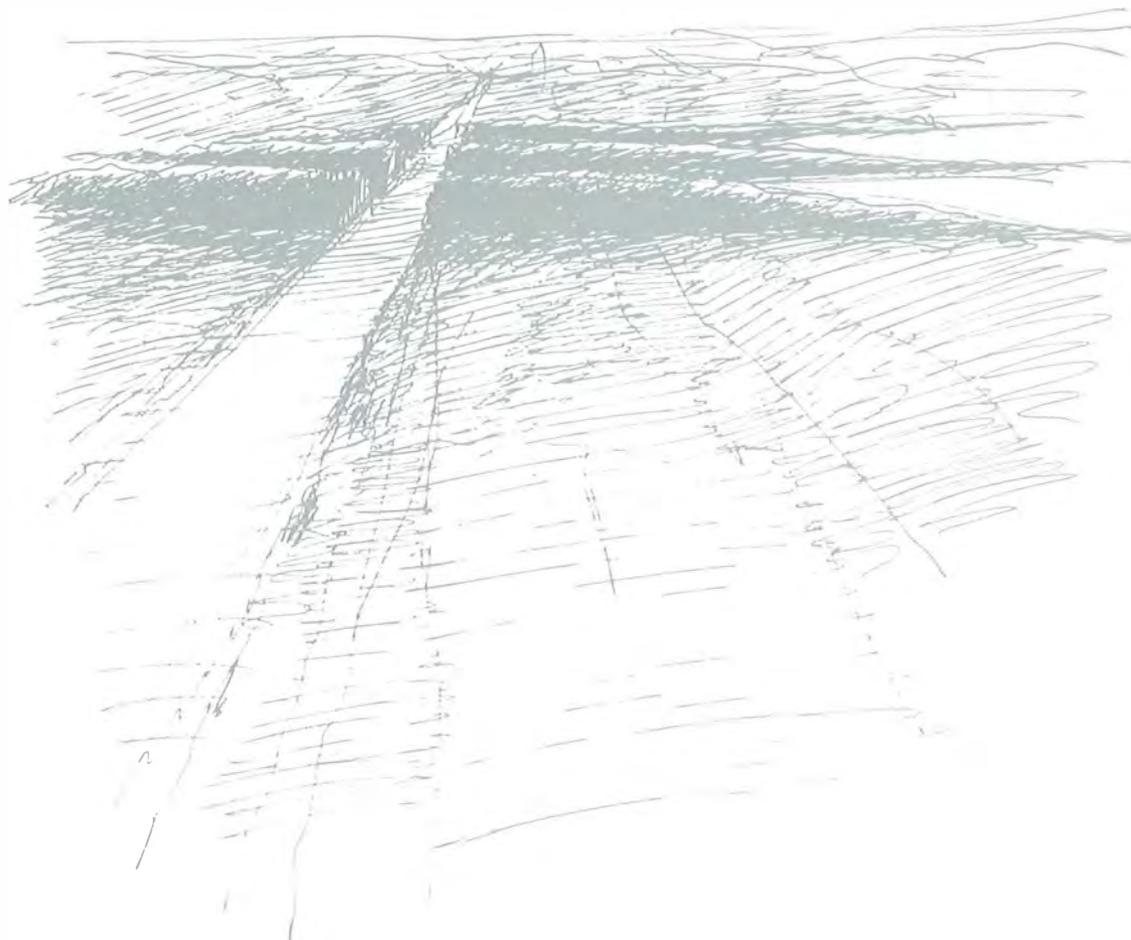


"Excluindo a área que está já neste momento construída, as diferenças que se podem ver entre as fases que se encontravam no ante-projecto e as fases que se encontram agora no novo projecto revisto para a zona Norte, é bastante evidente a tentativa de manter a presença dos mesmos elementos mas, naturalmente, há intenções que vão variando de acordo com o próprio desenvolvimento do trabalho, da própria clarificação das intenções para toda esta zona, que se encontravam ainda bastante difusas. Até que, a certa altura, surge a clara noção de que o Parque deveria conter um pólo de rentabilidade, que deveria gerar receitas, e esta última alteração ao projecto na zona Norte, incluindo um centro 'lúdico' comercial, surge nesse sentido."

"Esta zona surge também como um contraponto ao Parque das Nações, é no extremo norte do Parque do Tejo, era o sítio mais distante, absolutamente fora de tudo e compreendia-se, já ao nível do master plan, que o Parque tinha de ter algum equilíbrio em termos de pólos de atractividade. Desta constatação surgiu a configuração de uma frente construída com provável reutilização dos pavilhões dos países participantes, associada ao Passeio do Trancão e que se encontra definida nos documentos do Plano de Pormenor 6 (1999). A implementação dessa ideia evoluiu no sentido da cedência ao modelo trazido pelos promotores encontrados e surge assim uma nova zona que ocupa muito mais área, desde o Trancão até ao limite do Aterro, sem nenhuma lógica de incorporação no desenho global. O Parque sobreviverá necessariamente a este empreendimento e presumo que a última fase do projecto será desenhar e executar a finalização do Parque depois das estruturas comerciais estarem todas removidas. O que provavelmente acontecerá daqui a quinze, vinte anos."

### *Efeito de atracção*

"Essa grande zona urbana no fim do Parque, junto ao Trancão, estava prevista desde o primeiro momento, até pelo efeito atractor que deveria representar em relação ao próprio Parque. Portanto seria um destino que daria algum sentido à própria extensão do Parque, seria o ponto de atracção que justificaria grandes fluxos dentro do Parque, que seriam geridos através da distribuição dos estacionamento e portanto da necessidade de uma deslocação pedonal através do Parque, fluxos esses que acabariam por corresponder ao único garante de segurança que o próprio Parque poderia oferecer. Precisávamos sempre de qualquer coisa que justificasse um afluxo maciço de pessoas naquele ponto junto ao Trancão. Por outro lado, por ser também a zona mais distante e também a zona mais claramente relacionada com essa estrutura viária de relacionamento com toda a área metropolitana, e menos directamente vinculada à estrutura urbana mais local, era também onde faria sentido colocar as grandes estruturas e os espaços de acolhimento de grande número de pessoas. Desde o princípio que essa área estaria consagrada a esse tipo de usos. O que poderá ter sido alterado foi a filosofia de dimensionar esses locais em função das necessidades de manutenção do Parque para um dimensionamento optimizador dessa receita por si só, independentemente da avaliação das necessidades de manutenção do Parque."



"A questão da gestão do Parque é, de certa forma, complexa porque o Parque não é propriamente um jardim. É a transformação de um território muito vasto, a sua recuperação — porque ele estava, de facto, doente —, e fazer com que seja um território íntegro e um espaço de lazer pleno, ao ar livre. Os equipamentos mais específicos surgem de duas estratégias complementares: uma é a de ter serviços que são necessários à funcionalidade do Parque e que reforçam as intenções do projecto em termos de utilização. E aí surgem os equipamentos de apoio básicos, cafetarias, instalações sanitárias; depois há uma segunda perspectiva em relação à programação dos equipamentos, que se relaciona com um modelo global de gestão do Parque, na procura de receitas que possam assegurar a sua manutenção."



“O Parque tem custos de manutenção muito elevados e a perspectiva que foi discutida partia de um pressuposto: temos um custo de manutenção que devemos cobrir [com as concessões dos espaços para serviços], eventualmente não na totalidade, mas temos de garantir alguma receita, e portanto dentro daquele âmbito de actividades que julgamos que são necessárias ao Parque vamos concessionar núcleos de actividade que gerem receita – e esses equipamentos poderiam ser dimensionados em função da receita necessária. Esse modelo de gestão nunca foi implementado.”

“O problema está a ser resolvido de uma maneira já não tão integrada. Como se o Parque tivesse entrado dentro de uma estrutura global e a despesa que esse Parque representa se inscreva numa determinada coluna dessa estrutura global, havendo a necessidade de uma receita para uma outra coluna de receitas dessa mesma estrutura. Portanto não há uma relação directa que garanta uma autonomia em relação ao próprio Parque como nos pareceu a certa altura que seria a orientação adequada. E creio que é pena, porque torna a existência do Parque muito mais frágil, pela perda de autonomia e pela diluição dessa relação entre as receitas e as despesas geradas pelo próprio Parque, o que nos parece que era uma relação que assegurava, de alguma maneira, a sua continuidade.”



“Creio que este desenvolvimento todo parte um pouco de um equívoco. Aquilo que se propõe no concurso é qualquer coisa que aproxima a intervenção proposta para um Parque a uma intervenção artística, uma obra de arte, de uma intervenção muito virada para si própria, muito autista nesse sentido, muito exagerada nas relações perceptivas e sensitivas que iria estabelecer e portanto quase um exagero caricatural daquilo que seria, de facto, possível fazer. Creio que o desenvolvimento projectual subsequente acaba por constituir uma tomada de consciência do papel que o Parque tem de encontrar em relação às pessoas, em relação à cidade, e à nova zona da cidade, recém-construída, que reinterpreta essa dimensão um pouco narcísica. Essa área, ao contrário de ser vista como uma explosão, com grande liberdade, onde quase tudo é possível, passa a ser uma inclusão nesse sistema, com um papel claro em relação a esse sistema. Um papel que é dado pela relação interfacial do próprio Parque, quer em termos de relação natural, por estar ali à beira da água, por estar numa zona onde a própria maré lhe dá um sentido difuso de ser terra ou de ser água, de estar também numa situação de limite em relação à mancha urbana de intervenção, de estar numa situação de limite porque tem uma face extremamente urbana no diálogo que estabelece com as novas estruturas da Expo, uma face extremamente periférica, metropolitana no diálogo que estabelece pelo outro lado, através das grandes vias de circulação e o grande alcance que lhe permite. Portanto, consegue-se adquirir uma dimensão diferente para o Parque em que, não esquecendo o propósito da intervenção artística, da intervenção paisagística enquanto promotora de um conjunto de sensações, de percepções para as pessoas, para o público, que potenciam toda a essência daquela paisagem, daquele sítio, se retoma uma dimensão muito mais, digamos assim, urbanística, da proposta.”

### *A sobrevivência a longo prazo*

“O que nos perturba é a perda da ligação directa entre uma coisa e outra, a clara noção de que todo o processo de gestão do Parque perde autonomia e se inscreve num processo de gestão maior, onde naturalmente o seu papel e a sua sobrevivência se encontram diluídas numa sobrevivência de escala maior. Provavelmente esta até será a estrutura mais correcta para assegurar a sua sobrevivência a longo prazo. Ao contrário de uma estrutura comercial, que se paga a si própria num curto espaço de tempo, e em que o que interessa é aproveitar uma determinada tendência do mercado, oferecer-lhe o que ele quer e realizar rapidamente uma receita e eventualmente, daqui a cinco anos, se aquilo não interessar, desmontar e ir para outro lado, com um Parque é, obviamente, mais difícil fazer isto. Um Parque é qualquer coisa que ganha consistência ao fim de quinze anos, pela própria maturidade que a vegetação precisa de ter, pela própria correcção de erros sucessivos que a própria construção precisa de ter, é qualquer coisa que tem de ser vista de uma maneira um pouco menos empresarial.”



### *O polémico parque temático*

“Pelo que conhecemos da proposta do parque temático que será construído junto ao Trancão, ele está estrategicamente definido em termos de acessibilidade com o automóvel. Tem um parque de estacionamento com uma capacidade fantástica e portanto a intenção de que esse pólo de atracção pudesse servir para que o Parque fosse mais percorrido não está contemplada na estratégia daquele desenvolvimento. Depois não me parece que o que está proposto tenha alguma intenção de se relacionar com o Parque.”



### *Um projecto irreversível*

"Tranquiliza-me o facto de o Parque já me parecer uma coisa irreversível, as pessoas já o utilizam de uma forma maciça. Os custos de manutenção dificilmente irão justificar que se possa cortar água ao Parque, porque politicamente já não é aceitável."

"O Parque encerrou dentro de si próprio uma dupla personalidade. Aquilo que surge no concurso é qualquer coisa que, embora tenha a mesma expressão física em termos de desenho, encontra nas duas equipas – na da Hargreaves Associates e na da PROAP – significados diferentes. Aquilo que para a parte americana da equipa corresponde a objectos mais ou menos descontextualizados, que são sobrepostos a uma paisagem para obter um determinado efeito escultural perceptivo, no nosso entender ganha uma componente de diálogo com a paisagem do sítio e uma interpretação em termos exclusivamente micro-ecológicos, que me parece que lhe faz adquirir um sentido diferente e mais profundo."

"Esta dupla personalidade é o que enriquece o projecto e o torna mais vivo. É o facto de as coisas, tal como acontece na Natureza, não terem um único vector de consequências e mesmo as coisas que nos parecem dirigidas por uma intenção, casual ou não, são sempre um conjugar de pequenos acontecimentos e de pequenos acasos, de pequenas coincidências. No rio Tejo, na sua bacia hidrográfica, haverá concertizações em que o deslocar de uma pedra para um lado ou para o outro, ou o abrir de um buraco, podem ser significativas em relação ao seu curso e ao seu traçado. E as coisas na Natureza são assim, são o somatório de uma quantidade de pequenos movimentos, de pequenas intenções, de pequenos acasos que depois de somados encontram uma corporização que pode ser monstruosa ou belíssima."



“O que acontece neste caso é precisamente isso, é esse acumular de sucessivos bem-entendidos e mal-entendidos, de acasos e contradições e de perspectivas diferentes que acaba por ter um resultado que, no fundo, é um resultado que não está ainda acabado. O facto das intenções descritas nos pressupostos de manutenção serem seguidas ou serem contrariadas será determinante no futuro do Parque. A imagem do Parque não está ainda acabada, quer dizer, nós não sabemos o que é que vai acontecer daqui a vinte anos. Se calhar será qualquer coisa que é ainda uma reinterpretação de tudo aquilo, feita pelas pessoas que tomam conta dele, pelas pessoas que nele vivem, pelas transformações que eventualmente virão a ser necessárias para que ele sobreviva. E é nisso que ele se parece muito com um ser vivo. *O Parque como ser vivo* É que ele vai-se transformando à medida que vai precisando para a sua sobrevivência e para a sua persistência como ser.”

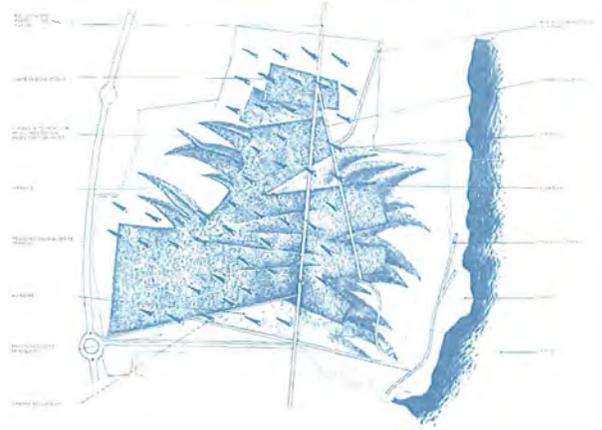
"Portanto, desde o primeiro momento há essa consciente e clara dualidade. Por um lado há uma descontextualização muito grande na visão que é trazida pelos nossos parceiros, por outro lado há a interpretação de formas que são compostas com um sentido mais objectual, há a interpretação dessas formas com um sentido muito mais territorial, muito mais ligado ao próprio funcionamento da paisagem. E as coisas acontecem de uma maneira muito natural. Uma forma que é proposta com um sentido quase gestual percebe-se que tem um potencial físico e ecológico notável, e que de facto faz sentido, e que pode ser modificada o suficiente para que esse sentido seja potencializado. As formas do terreno surgem de uma coincidência, que tem a ver com o facto de, naquele processo, a certa altura, ser necessário encontrar sítio para guardar solos contaminados. Surge de uma consciência clara de todas as pessoas envolvidas no processo de que aquele território é um território excessivamente monótono, excessivamente plano, e que naturalmente será necessário encontrar discontinuidades altimétricas para que se consiga *A fragmentação do espaço* fragmentar aquele espaço em qualquer coisa de mais contido e mais organizado. Surge, por outro lado, pela imposição de um programa que vem criar funções nesse mesmo espaço tão díspares como um campo de golfe, um centro hípico... são coisas que não têm nada a ver umas com as outras e que portanto irão necessitar de uma estratégia qualquer de contenção e de fragmentação do próprio espaço. Surge da consciência de que esse território é muito vasto e que será necessário encontrar o tal vocábulo extremamente expressivo que constitua a impressão de uma vontade qualquer ao longo de todo esse território. De que, se assim não for, a sua consistência como entidade homogénea e como entidade única se perderá inevitavelmente, pelas transformações que cada uma dessas funções acabarão por trazer ao próprio sítio e pela dimensão em que todas essas transformações acabarão por ocorrer."

“Tudo isto aponta no sentido da criação de um determinado elemento morfológico que surge como sendo aquelas elevações de terreno. Essas elevações podem ser vistas de muitas maneiras. Podem ser vistas como elementos escultóricos, elementos muito *Elevações como elementos escultóricos* objectualizáveis, que podem ser transpostos dali para uma situação que não tem nada a ver com aquilo, no Colorado ou em África, e em que a única coisa que persiste delas será a sua geometria e, eventualmente, a relação que se estabelece entre elas e a escala humana. Mas podem ser vistas como coisas que surgem de questões que são muito específicas daquele sítio. De um vento que precisa de alguma deflexão e de alguma protecção ao nível do solo para criar situações de grande conforto; de uma exposição que, no sentido longitudinal, pode ser trabalhada em sucessivos terraços com orientação Norte-Sul, criando portanto situações viradas a Sul com grande abrigo do vento e com um conforto muito grande em relação a uma zona que era claramente uma zona desabrigada, muito agredida por ventos de Noroeste durante o Verão e que iria criar situações de vivência com algum desconforto.”

“A localização das elevações de terreno permitiria, por um lado, criar uma relação com a paisagem e com o Mar da Palha muito controlada, muito condicionada, em que de situações de quase invisibilidade na parte de trás do Parque se passaria, sucessivamente, para situações gradualmente mais panorâmicas, até chegarmos a uma situação paralela ao primeiro passeio, em que todo o rio estaria ali perto. A própria morfologia do terreno iria traçar a sucessão de sensações de que nos iríamos apercebendo à medida que nos aproximávamos do rio. Por outro lado, à escala do objecto, digamos assim, e nas extensões que podem ser dadas a esse sentido objectual quando se estabelecem as relações com o território que o vai suportar – não há objectos na paisagem, qualquer objecto que seja localizado numa paisagem estabelece imediatamente com ela relações e começa a dialogar com ela de uma maneira profundíssima, porque projecta sombra, porque modifica o caminho da água, porque modifica os movimentos do solo... nada fica indiferente depois de se aplicar o que quer que seja, onde quer que seja, em termos de paisagem.”



“Neste caso, ao colocarmos estes objectos, com aquela morfologia, naquela situação, encontramos assimetrias entre o lado Sul e o lado Norte que em termos micro-ambientais, digamos assim, são abissais. No lado Sul vamos ter um clima semelhante ao que temos no Algarve, por exemplo, e no lado Norte vamos ter um micro-clima semelhante ao que temos em Guimarães. Conseguimos obter com isto situações de onde emerge um desenho que se encontra por si só muito mais bem defendido do que qualquer desenho que dependa de grandes intenções de manutenção para ser cumprido. Naquela crista, naquela aresta, em que contrastam tão visivelmente duas situações ecológicas diferentes, existirá sempre uma linha, existirá sempre uma separação. Um lado será sempre mais frio, mais ensombrado e mais ventoso e o outro lado será sempre mais protegido do vento, mais exposto ao Sol, mais seco... E este contraste, se for exponenciado pela própria utilização da vegetação e pela própria estratégia de manutenção, nomeadamente as quantidades de rega aplicada e os tipos de vegetação escolhida, poderá potenciar essas diferenças, encontrando-se um princípio de desenho que mesmo que o Parque seja completamente abandonado acabará por se manifestar sempre. São diferenças que são obtidas na imagem a partir da manipulação das condições que fazem surgir essa imagem. São estas pequenas ‘nuances’ que surgem deste diálogo entre perspectivas diferentes sobre a mesma coisa que eu creio que enriquecem muito aquela realização.”



"Concretamente, o que estava muito definido desde o princípio era este princípio. Eram princípios conceptuais, princípios fundamentais, e que transformaram este processo numa operação relativamente fácil, embora, por vezes, penosa pelo jogo de cintura que era preciso ir fazendo para contornarmos as dificuldades e as surpresas que iam acontecendo. Porque, no fundo, estávamos a trabalhar com princípios muito claros e muito fortes e a essência de tudo aquilo vivia de qualquer coisa que era relativamente independente de questões formais ou de questões funcionais. Era assim e, desde que se cumprissem aqueles preceitos, iríamos obter uma imagem semelhante."



“As árvores foram escolhidas a partir de uma interpretação do que aquela paisagem poderia ter sido. Percebemos que a morfologia do Parque iria criar uma situação de alguma interioridade em relação ao rio, para a qual escolhemos como dominante o *A escolha das árvores* sobreiro. Existiria uma faixa não ribeirinha, não mesmo junto à água, mas que seguiria a linha da água com um afastamento relativamente pequeno, que seria de pinheiros mansos e que constituiria a primeira linha de abrigo de vento, a primeira linha de resposta aos ventos de Sul, que são fundamentalmente os ventos do tempo chuvoso, relativamente frequentes no Inverno. Não é este tipo de ventos que iria perturbar, em termos de conforto, a vivência do Parque, esses seriam de Noroeste, e em relação a esses é que tínhamos de nos preocupar porque seriam os que poderiam acontecer em dias de Sol, em dias de Verão, em dias em que estariam no Parque muitas pessoas.”

"Temos em linhas paralelas ao rio uma primeira faixa de vegetação ribeirinha, choupos e freixos, que correspondem ao preenchimento de pequenas manchas em zonas topograficamente mais baixas, portanto é uma linha não contínua, marcada pela singularidade ao longo de toda aquela margem. Mais para montante temos a linha de pinheiros mansos que constitui, essa sim, uma linha com características mais contínuas, atrás da qual, e só na zona em que a faixa de tratamento do Parque começa a ser mais larga, se começa a encontrar um distanciamento em relação ao rio que justifica a introdução desses primeiros sinais de alguma interioridade, começamos a encontrar uma faixa que é dominada pelo sobreiro. Dentro destas manchas, e correspondendo portanto aos elencos que serão aplicados nas faces Norte daquelas formas de modelação de terreno, toda a vegetação arbustiva e sub-arbustiva que será aplicada nessas faixas, será a que corresponde a esse elemento arbóreo dominante. Portanto há uma relação entre a vegetação arbórea, arbustiva e herbácea em todas estas zonas."

#### *Corredores verdes*

"Não foi feito nenhum estudo relacionado com a fauna, com o tipo de animais que poderiam vir a habitar um Parque com este tipo de vegetação. A única preocupação foi a de conseguir, nas zonas de sapal, reconstruir a vegetação do Estuário do Tejo para que as espécies que o procuram consigam também aqui encontrar o seu habitat. Isso, com grande alegria nossa, foi um processo que acabou por ocorrer de uma forma muito mais rápida do que nós alguma vez pensámos."

#### *Reconstruir o sapal*

"O elemento faunístico para o qual nós dirigimos a nossa preocupação foi o Homem. Foi realmente para o seu conforto e para a sua vivência que este Parque foi, fundamentalmente, desenhado. É evidente que com o Homem coexistem muitos outros animais e os primeiros visitantes deste Parque foram realmente os passarinhos, que ocuparam as copas e começaram a chilrear nas árvores muito antes dos primeiros visitantes percorrem esses caminhos. E isso foi qualquer coisa que nos encheu de alegria porque correspondia de facto a uma aceitação – à primeira aceitação – daquilo que tínhamos proposto."

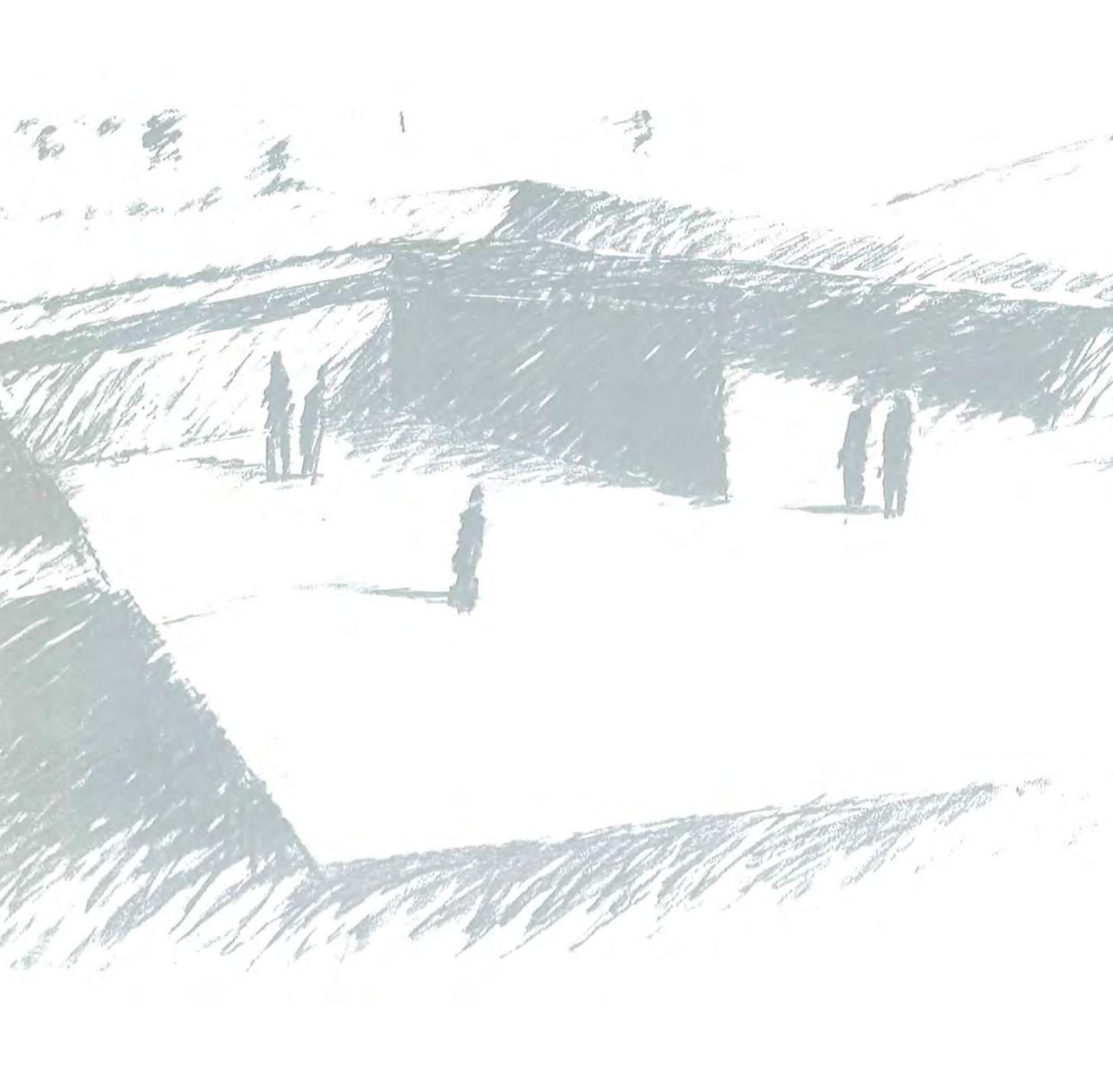
#### *Os primeiros visitantes*

"Há a intenção com este desenho de propor uma paisagem claramente artificial. Não se pretende iludir o enorme artificialismo de tudo isto. O que se pretende é através desse artificialismo reproduzir mecanismos que são muito semelhantes, no seu funcionamento, aos mecanismos naturais. É reproduzir uma lógica de funcionamento que encontre uma estabilidade muito próxima da estabilidade dos mecanismos naturais. Se isso corresponde ou não à reprodução de alguma tipologia paisagística, *Reproduzir mecanismos naturais* se assim se pode chamar, que se encontre noutra sítio, será exclusivamente por coincidência, porque evidentemente quando nós escolhemos uma relação directa entre a vegetação arbórea e a vegetação arbustiva e herbácea acabamos por repetir uma comunidade que existirá onde essa espécie arbórea domine. Será através da escolha dessa coluna vertebral botânica, feita através da determinação desse elenco arbóreo, que é criada alguma semelhança que não deve ser lida como qualquer metáfora em relação a outras paisagens mas que deve ser lida como a coexistência mais lógica, mais estável e mais duradoura entre árvores e o seu substrato arbustivo e herbáceo. Onde de facto existiu a preocupação de repôr e recuperar a vegetação original foi na zona de contacto com a maré, na zona em que o Parque contacta directamente com o Estuário, sem nenhum elemento de contenção construído e, aí sim, e até pelos próprios condicionamentos da situação, interessava-nos reproduzir essa vegetação."

"Não existiram problemas na implantação das árvores devidos ao passado de contaminação daquele solo porque todo o processo de arborização, exceção feita à frente ribeirinha, é feito sobre as formas de modelação do terreno, portanto é feito num substrato completamente artificial e completamente controlado pelo projecto. As únicas grandes dificuldades que se sentiram foram as relacionadas com a utilização de exemplares de grande porte, que podem sofrer mais crises no transplante. Felizmente, quase todas as árvores se adaptaram bem à sua nova 'casa'."

*A adaptação das árvores*





“A nossa equipa não teve nenhuma intervenção no projecto de despoluição do Trancão. O que se tentou foi, de uma maneira ainda feita sobretudo com base na fé, acreditar que essas melhorias eram possíveis, interpretar uma imagem e uma relação com o rio que nessa altura não existia – e estava muito longe de existir – e dialogar com essa expectativa. No fundo, estabelecer uma relação muito próxima e muito directa com o rio Trancão, muito lúdica, nada formal.”

“O Parque também tem uma intenção de pedagogia relativamente a estes processos todos. É utilizado nas actividades que o *Um bom exemplo* Centro de Interpretação Ambiental da ParqueExpo '98 promove, como percurso de passeio e de demonstração que é possível recuperar espaços poluídos. Aqui existia uma grande concentração da indústria pesada, foi para aqui que foi empurrada a Estação de Tratamento de Águas Residuais, e era para aqui que os esgotos e o lixo de Lisboa eram transportados. Portanto a filosofia de base do Parque incorpora muitas dessas ideias, de ser possível que um Aterro Sanitário possa ter uma utilização e possa ser uma coisa vivida, não seja um território abandonado e abandonado exclusivamente áquele uso. Tem também a intenção de que a água da ETAR, a água de esgoto, possa ser tratada e reaproveitada, e isso são ideias muito fortes desde o princípio.”

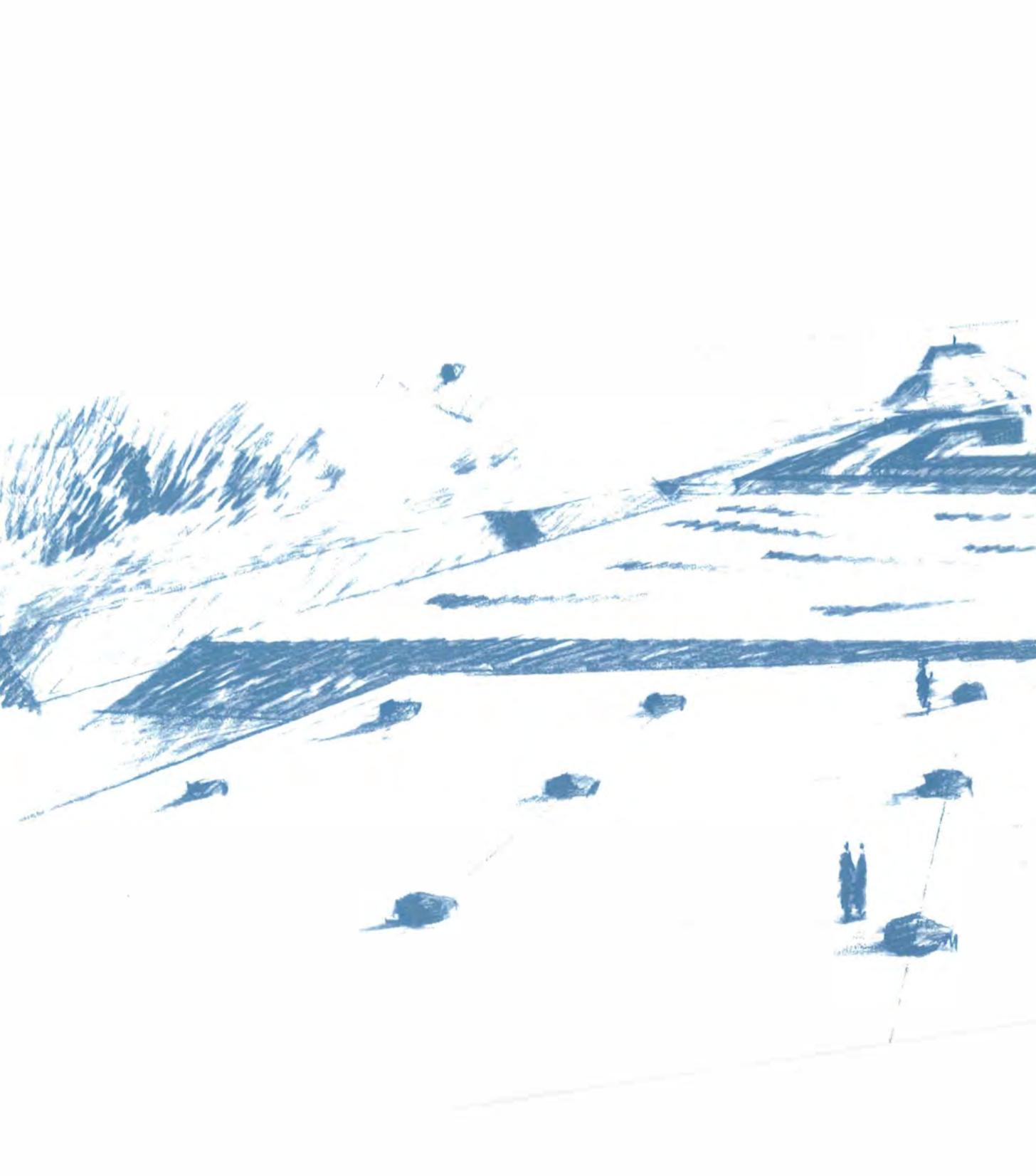
“Não é, de forma nenhuma, complicado trabalhar num projecto que leva tantos anos a construir e que levará muitos mais a consolidar-se. Primeiro, é extraordinário que o cliente não esteja ainda farto de nós e vice-versa. Por outro lado, a confiança que esse cliente tem sucessivamente depositado em nós, faz com que isto acabe por fazer sentido. Tudo o que está desenhado no Parque foi feito por nós e foi feito com as mesmas ideias, com os mesmos critérios, o que lhe dá unidade. Mas é de facto raro encontrar um cliente que tenha essa confiança e essa serenidade para que a coisa se possa ir desenvolvendo ao longo de *Um projecto para muitos anos* tantos anos. Já lá vão sete anos e eventualmente serão ainda muitos mais.”

*A necessidade de tranquilidade*  
“Não existe desespero por não ver a obra acabada. Ela vai sendo acabada. Nós que trabalhamos neste ramo, em que uma árvore demora vinte anos a crescer, ou conseguimos ter a tranquilidade suficiente para não desesperar com esses imediatismos ou então temos de ponderar mudar de profissão.”

“Ao longo destes anos de projecto, aprendemos bastante. As realizações da Expo'98 fizeram com que, por exemplo, o mercado das árvores se tivesse alargado de uma maneira excepcional, que a exigência de qualidade do material arbóreo tivesse encontrado níveis anteriormente não existentes. A certa altura houve a ideia de que poderia ser possível abrir o Parque ao público a tempo da Exposição e havia a pressão para que as coisas tivessem um aspecto acabado, que desse a sensação de que as coisas já lá estavam há muito tempo. Houve sempre a tentativa de conseguir encontrar aquele equilíbrio que faz com que as plantações que se fizeram e as que estamos a fazer agora correspondam a uma perspectiva de crescimento a médio e a longo prazo. O que tem de contrariar essa vontade de apresentar as coisas com um aspecto definitivo. As árvores reagem muito a essa pressão, têm de ser colocadas no terreno com uma idade suficiente para que não sejam tão frágeis a ponto de não resistirem às agressões do tempo mas que sejam suficientemente jovens para se adaptarem às condições de terreno que lhes estamos a dar.”

### *O Parque é de todos*

"Somos relativamente novos para podermos dizer que este é o projecto da nossa vida. Mas é um Parque que marca, de facto, uma era na nossa vida profissional. Costuma dizer-se que, na vida, há que escrever um livro, plantar uma árvore, ter um filho. É evidente que nos dá uma alegria muito grande ver uma quantidade enorme de pessoas a brincar e a divertir-se num sítio com milhares de árvores, um espaço que nós vimos nascer no papel. Mas não temos esse sentido de posse, não é o nosso Parque. Não sei se se passa de maneira diferente com um edifício mas eu não consigo ter essa sensação de 'meu projecto, meu filho'. O meu papel foi muito mais o de ir conseguindo manter algum sentido num processo que foi bombardeado por todos os lados do que propriamente conduzir pela mão um sonho desde pequenino até à dimensão dos 90 hectares de terra. É uma obra completamente pública, onde as pessoas podem assar sardinhas se quiserem, e andar de bicicleta e de patins, portanto a relação está muito longe de ser uma relação de contemplação espiritual. Uma zona com estas características retira aquela presunçosa relação do autor com a obra."





## *Retratos*

ROLANDBO BORGES MARTINS

Rolando Borges Martins nasceu em 1960.

É licenciado em Administração e Gestão de Empresas pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, e obteve o Mestrado (MBA) do Departamento de Gestão da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.

A partir de 1982 desempenhou diversas funções profissionais ligadas ao Marketing, designadamente como Assessor da Direcção de Marketing na Jerónimo Martins & F.º Lda., como Marketing Manager de Martini & Rossi Lda., como Account Supervisor de J. Walter Thompson Lda e como Director de Marketing Internacional da Sogrape Vinhos de Portugal SA.

Em 1993 iniciou funções na Parque Expo'98 SA vindo a assumir sucessivamente as funções de Direcção de Área de Concepção e Marketing, Área de Promoção e Marketing e Área Expo.

Desde Março de 1999, é Administrador Executivo da Parque Expo 98 SA tendo sido igualmente designado Presidente do Conselho de Administração do Oceanário de Lisboa SA.

Tem desenvolvido actividades lectivas em diversas instituições universitárias do país e desempenhado funções de consultoria e de análise económica e financeira de projectos.

Em 1999 o Presidente da República condecorou-o com o grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito.



JOÃO FERREIRA NUNES

João Ferreira Nunes (Lisboa, 1960). Licenciatura em Arquitectura Paisagista 1985 (Instituto Superior de Agronomia – Universidade Técnica de Lisboa), Mestrado em Arquitectura Paisagista 1996 (Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona – Universidade Politècnica de Catalunya). Sócio-gerente da PROAP Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista, Lda. que fundou em 1989. Docente do curso de Arquitectura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia.

Projectos recentes mais significativos: Parque do Tejo, Lisboa/Loures (ParqueExpo'98 SA); Jardim da Cordoaria, Porto (Porto 2001 SA); Frente Marginal Algés-Jamor, Oeiras (APL); Parque da Qta. da Politeira e Parque da Qta. da Terrugem, Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras); Jardim Almirante Reis, Funchal (Câmara Municipal do Funchal); Igreja da Santíssima Trindade – Espaço Exterior, Fátima (Santuário de Fátima).

Produção

PATRÍCIA FONSECA/004

Recolha de texto

PATRÍCIA FONSECA

Design

HENRIQUE CAYATTE

Paginação

FILIPA GREGÓRIO/004

Pré-impressão

CRITÉRIO – PRODUÇÃO GRÁFICA, LDA

Impressão e acabamento

NORPRINT, SA

Depósito Legal 166225/01

ISBN 972-8106-22-X



PARQUE DAS NAÇÕES